



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL
DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA
INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS DOS MALÊS
BACHARELADO EM HUMANIDADES**

FININHA CÁ

**A ETNIZAÇÃO DO CARNAVAL NA GUINÉ-BISSAU: A DINÂMICA ENTRE
TRADIÇÃO-MODERNIDADE E A ECONOMIA INFORMAL**

SÃO FRANCISCO DO CONDE

2019

FININHA CÁ

**A ETNIZAÇÃO DO CARNAVAL NA GUINÉ-BISSAU: A DINÂMICA ENTRE A
TRADIÇÃO- MODERNIDADE E A ECONOMIA INFORMAL**

Projeto de pesquisa apresentado ao curso de Bacharelado em Humanidades sediado no Instituto de Humanidades e Letras dos Malês, da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira; como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Humanidades.

Orientador: Prof. Dr. Paulo Gomes Vaz.

SÃO FRANCISCO DO CONDE

2019

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	4
2	TEMA E JUSTIFICATIVA	5
3	PERGUNTA DE PARTIDA	9
4	OBJETIVOS	10
4.1	GERAL	10
4.2	ESPECÍFICOS	10
5	HIPÓTESE	10
6	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	11
7	METODOLOGIA	17
8	EXCERTOS DE CAMPO E A DIVISÃO SÓCIO SEXUAL DE TRABALHO	18
9	CRONOGRAMA DE ATIVIDADES	19
	REFERÊNCIAS	20

1 INTRODUÇÃO

A Guiné-Bissau é um pequeno país situado na costa ocidental da África e faz fronteiras com o Senegal ao norte, Guiné ao sul e leste, e com oceano atlântico a oeste. Uma sociedade multiétnica com uma rica diversidade cultural espalhada em toda a sua extensão territorial, cujas particularidades culturais se complementam enriquecendo mais o *cluster* étnico e social guineense.

Moema Augel (2007, p. 76), afirma que “apesar da pequena extensão do território, ali vivem dezenas de grupos e subgrupos étnicos muito heterogêneos, com suas culturas próprias”. E embora sabe-se que na prática existe disputas entre os grupos étnicos, permeada pela produção de bens simbólicas, mas como a sociedade guineense não é etnicamente estratificada (em termos econômicos), ou seja, não há relação direta entre o sujeito ser de um grupo étnico e pertencer naturalmente a determinado classe social, faz com que as produções de bens simbólicos não promovem a mobilidade social na sociedade. Isso porque, todos os grupos étnicos têm suas riquezas culturais e/ou “folclóricos”, e todos se esforçam para externalizar suas potencialidades.

A literatura a respeito da *etnização do carnaval* na Guiné-Bissau e suas relações com a economia informal é praticamente escassa e em razão disso provoca inúmeros desafios para a compreensão desse fenômeno e sua originalidade. Pois sabe-se que embora a informalidade se constitua como um fenômeno estruturalmente característico de economias emergentes e em desenvolvimento, ela também é constituída de suas amplas heterogeneidades. E no caso deste estudo, torna-se notória a coexistência entre a etnização de carnaval, a questão do desemprego, cultura do trabalho, “as informalidades” e o lazer.

Outro setor que pode nos ajudar a elucidar esse objeto de estudo, são as teorias relacionadas à questão de gênero, pelo fato de que a relevância deste tema decorre das especificidade da feminização do trabalho, e da organização temporal (sazonal) e espacial (barracas vendas improvisadas) espalhadas em pontos nodais das urbes do país durante os festejos carnavalesco que, de alguns anos para cá tem sido um dos mecanismo mobilizadores de microempreendedores individuais, protagonizadas por mulheres na economia informal. Daí levanta-se uma série de questões de ordem conceituais, dentre quais o desemprego e a (in)subordinação do gênero na flexibilização relações de trabalho e da globalização. Esses elementos acima apontados em sua grande parcela foram introduzidas por FMI e Banco Mundial na Guiné Bissau a partir da década de 1980, e as alegações que esses economistas

deram a esse fato é que a política de ajustamento estrutural serve para “dinamizar o mercado”, onde irá ocorrer menos participação do Estado na economia do país. Essa política de ajustamento estrutural, teve como uma das finalidades implementadas o enxugamento dos servidores públicos, redução de investimentos públicos, privatizações e que consequentemente resultou em precarização das forças de trabalho. Nessa época a sociedade começa a sentir os efeitos do desemprego sem precedente na sociedade guineense e mesmo o gênero feminino é constituído de uma parcela majoritária maioria na sociedade, é também maior vítima do desemprego.

Portanto, é exatamente a partir dessa esteira de reflexões que esta pesquisa se insere, buscando iluminar a coexistência entre o papel das etnias no carnaval e a feminização do trabalho durante os festejos compartilhada num extenso mosaico étnico. Em verdade, sociedade guineense é uma sociedade multicultural, complexa e rica pela sua diversidade étnica e cultural distribuída em todo o seu território nacional, constituída por mais de 20 etnias, com línguas, estruturas sociais e costumes distintos. O que significa dizer que, mesmo com a introdução de muitos elementos da cultura ocidental por colonizadores em todos os segmentos da sociedade, não foi suficiente para apagar as experiências locais e tradicionais fortemente enraizadas e presentes nos grupos étnicos.

Na cultura guineense, além da língua portuguesa, o colonialismo português introduziu também a religião católica como sendo uma das suas ferramentas mais importante para a exploração, se não a mais importante para a colonização. Daí através de religião católica, o carnaval se configura como uma das festas religiosas mais populares na Guiné Bissau e nas demais colônias portuguesas.

Este trabalho se assenta com base nas relações entre as dimensões simbólico-culturais e as dimensões materiais e econômicas do Carnaval de Guiné Bissau, na qual um grande contingente de pessoas às margens de estrutura social e políticas se “inscrevem” nas econômicas informais.

2 TEMA E JUSTIFICATIVA

O tema desta pesquisa surgiu através da minha inquietação relacionada a várias situações que ocorrem em festejos carnavalescos na Guiné-Bissau, e que nas últimas décadas, têm sido mobilizadas pela indústria cultural impulsionado pelo capitalismo que faz com que a

oferta e a demanda dos produtos começavam a ganhar maior visibilidade na sociedade guineense. Mas ao mesmo tempo se cunhou a «teatralização do Carnaval» feitas em desfiles onde são premiadas as melhores máscaras, grupos e rainhas. Todos esses grupos “teatraliza” suas apresentações cheios de surpresas e mistérios escondidos atrás das máscaras e trajes, externalizando as narrativas críticas ou ovacionadas de personalidades históricas e/ou influentes da atualidade. Essas narrativas que lhes possibilitam expressar desejos e descontentamentos sobre o cotidiano do país nas avenidas onde ocorrem os desfiles.

É preciso destacar que o carnaval guineense apresenta dimensões específicas e imbuído de suas originalidades pela forma como cada região (estados) e/ou municípios introduzem suas expressões da cultura popular e/o “experiências *folclóricas*” nas avenidas, somando isso às influências de carnaval carioca e baiana. Esse complexo processo de hibridação cultural nos festejos carnavalescos na Guiné-Bissau nas últimas décadas também reacende a discussão sobre a ressignificação de carnaval guineense na atualidade que denomino como título desta pesquisa de “*etnização do carnaval*”, para descrever o mosaico étnico que constitui a tessitura do carnaval guineense *sui generis* em sua rica e complexa expressão cultural. Nesse sentido, observa-se que se trata de uma realidade cultural atípica daquilo que é observada na Europa ou no Brasil, muito embora esses carnavais também externalizam suas experiências tradicionais. Daí, compreender o papel das etnias em mais de vinte comunidades etnolinguísticas espalhadas pelo país, significa para um pesquisador descrever a cultura. Assim interpretar a riqueza cultural dos povos e a maneira como os indivíduos são atreladas às suas experiências étnicas, nos remete ao antropólogo Clifford Geertz (1978), que preconiza a importância de descrever a cultura para entender a teia de significados tecida por ela e, assim, interpretar esses significados, como afirma esse autor, ao definir a cultura:

O conceito de cultura que eu defendo (...) é essencialmente semiótico (..), que o homem é um animal amarrado a teia de significados que ele mesmo teceu, assumo a cultura como sendo essas teias e a sua análise; portanto, não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa à procura do significado (Geertz, 1978, p, 15).

Interpretar os signos e/ou símbolos evidenciados no carnaval guineense, permitir-se-á ao observador narrar e propagar a cultura desses grupos étnicos a partir do senso comum e a maneira como os “*habitus*” dão sentidos às pessoas. Isso porque, nos seus cotidianos as pessoas percebem, sentem e reagem à estímulos como necessidade de manter seus costumes,

suas práticas etc. Por isso, desmistificar a complexidade das coisas é a obrigação de qualquer pesquisador de campo engajado a compreender o objeto a ser estudado.

E prossegue o autor:

O que o etnógrafo enfrenta, de fato (...) é uma multiplicidade de estruturas conceptuais complexas, muitas delas sobrepostas ou amarradas umas às outras, que são simultaneamente estranhas, irregulares e inexplícitas, e que ele tem que, de alguma forma, primeiro apreender depois apresentar. (...) Fazer etnografia é como tentar ler (no sentido de "construir uma leitura de") um manuscrito estranho, desbotado, cheio de elipses, incoerências, emendas suspeitas e comentários tendenciosos, escrito não como os sinais convencionais do som, mas com exemplos transitórios de comportamento modelado. (Geertz, 1978, p. 20).

Os conteúdos apresentados em carnaval expressam a identidade de um povo, sendo os instrumentos sociais e culturais que determinam as maneiras de agir, pensar e sentir na vida de um indivíduo. O que significa dizer que mesmo se configurando na maioria das vezes como elementos do senso comum, mas que exerce uma coerção sobre os indivíduos, pois isso não é outra coisa senão um “fato social” por se produz na e pela sociedade, ou ainda, aquilo que interessa e afeta o grupo de alguma forma.

Segundo Émile Durkheim (2007) na sua obra intitulada *regra de método sociológico*, afirma que para ser caracterizada como fato social, um fenômeno precisa de ter três características: Generalidade (isto, é ser geral à sociedade estudada); Exterioridade (ser exterior aos indivíduos); e Coercitividade (exercer coerção sobre os indivíduos). Daí segundo Durkheim (2007), tanto os fatos social normal quanto o fato social patológico merecem ser estudadas, porém o segundo merecer uma atenção redobrada para que os casos sejam solucionados.

As devidas preocupações em solucionar os problemas, são os que me lavam a trazer discussão entre a modernidade e tradição que vem se acirrando na sociedade contemporânea. Muito embora que na maioria das vezes parece ser difícil delimitar as fronteiras daquilo que é considerado o elemento do tradicional e daquilo que é considerada modernidade, porque se tratam de relações de coexistência, por isso trataremos de teoriza-las sem muita profundidade esses dois conceitos, porém priorizando a examinar a proeminência de carnaval na economia e na socialização das pessoas durante o festejo, para que possamos compreender o que o carnaval provoca na economia local. Essas são as inquietações que me motivaram em analisar a especificidade de carnaval da sociedade guineense em suas dimensões da cultura popular e que vem ganhando notoriedade nas últimas décadas por se tornar mais multicultural e democrático.

Pois a memória que tenho de carnaval é a de rua, constituído em manifestação cultural de foliões que se expressam seus costumes locais num cenário abarrotado de entrudos espalhados pelas avenidas da cidade. Essa ideia me parece ser fixa, talvez porque desde a minha tenra idade, os meus pais, eu e meus irmãos saíamos todos os anos para comemarmos o carnaval nas ruas, ruelas e nas avenidas da cidade de Bissau, usando sempre as fantasias nutridas elementos tradicionais locais, as chamadas “folclóricas”¹ que comumente se usava para a comemoração dessa maior festa popular, pois os trajés eram feitas de entrudos (máscaras e/ou fantasias irreverentes), e enquanto as meninas copiosamente usaram as *saias-bijagós* e as contas espalhadas pelo corpo (cintura), do outro lado os rapazes se escondiam no interior de suas máscaras feitas artesanalmente no quintal de suas casas.

Ora, os nossos passeios tinham sempre como itinerário passear no centro da cidade, cujo o destino final era sempre à praça dos heróis nacionais, próxima à estátua “*mom de timba*” que simboliza a luta da resistência dos trabalhadores Guineenses. Todos os anos esse era o nosso destino final, sendo que na maioria das vezes, devido ao aglomeração de pessoas nas ruas abarrotados de foliões eufóricos, começarmos a direcionarmos os nossos passeios à pontos nodais da cidade, tais como a “praça de império” e bairro de Chão de papel Varela onde também era tomado pelo vai-e-vem de meninas e meninas de todas as classes e etnias que aspiravam o clima carnavalesco. Porém, de uns anos para cá, isto é, nos últimos dez anos, houve uma mudança significativamente notória no imaginário das pessoas, que passaram não só reforçar suas identidades locais com trajés e/ou vestimentas das tribos locais, culinária nacional, fazendo com que o carnaval passa a ser compreendido tido como tempo de festa, mas também o de trabalho, servindo como fonte de renda para milhares de pessoas. Uma espécie de turismo urbano e do consumo.

Esse breve excerto acima mencionado, remete a forma como o carnaval vem ganhando a sua ressignificação na sociedade guineense, com o passar do tempo, e não obstante merecendo um estudo de caso para elucidar esse fenômeno.

Isso significa destacar que há certos fatores que determinam na escolha de um tema e o objeto de estudo. E para este estudo de caso que denomino nesta pesquisa de “*“etnização do carnaval”, dinâmica entre a modernidade e tradição*”, surgiu pela necessidade de explorar a “democracia cultural” transparecido nas ruas durante os dias de carnaval. Mesmo diante das influências impostas pela imprensa internacional e do capitalismo, o carnaval guineense vem demonstrando sua resistência à mundialização devido à multiplicidade da riqueza cultural da

¹ O termo folclórica não está sendo usado de forma pejorativa.

sociedade guineense expressada essencialmente a partir dos elementos tradicionais dos grupos étnicos que passam a ter um papel central, carregado de simbologia étnica apresentada nos festejos carnavalescos, nutrindo ainda mais festa popular do país. Durante o carnaval se torna notório a combinação entre os elementos do tradicional e do moderno no repertório de indivíduos (foliões) que agem de forma espontânea, assim como os que desfilam nas escolas de carnaval. Durante esse evento, a capital guineense se transforma num palco de manifestações culturais extraídos de diversos grupos étnicos representados em suas culturas tais como: dança, vestimentas, fantasia, culinárias (comidas típicas) e entre outros. O que significa dizer que o carnaval é tempo de festa, mas também de trabalho.

No entanto, o que mais me motivou na escolha do tema é para intentar demonstrar como o carnaval era manifestado no passado (anos 1980) e como ela vem sofrendo algumas transformações estruturais em relação aos tempos atuais, trazendo consigo novos elementos simbólicos, expressões culturais, e conseqüentemente introduzindo também às diversas modalidades do trabalho espalhados em diversos os cantos da *urbe* guineense. Nessa esteira de reflexões sobre esse fenômeno (carnaval, hibridismo e negócio) interessou-me em saber quais as implicações socioculturais que motivaram essas mudanças do “tradicional e moderno”, constituem no imaginário social dos guineenses uma espécie de hibridismo cultural, que por sua vez deu origem a várias interrogações, tentando compreender a sua causa e importâncias.

Com essas problemáticas partiremos com uma reflexão estabelecida no “imaginário social” guineense para o seu entendimento desse fenômeno.

3 PERGUNTA DE PARTIDA

Nessa esteira de reflexões, proponho fazer uma indagação considerada importante para superar a “cegueira” desse processo de transição, fazendo seguinte pergunta: Quais é o impacto da etnização do carnaval na sociedade guineense? E qual é a sua “importância” concreta para a economia do país?

4 OBJETIVOS

4.1 GERAL

Analisar o efeito prático da ressignificação do carnaval na sociedade guineense a partir de algumas mudanças e combinações que vem ocorrendo entre os elementos da “tradição-modernidade” e a economia informal, onde o desemprego atinge uma parcela significativa da população.

4.2 ESPECÍFICOS

- Examinar a complexidade e a riqueza da cultura popular (folclórica) no carnaval da Guiné-Bissau
- Analisar a importância do carnaval no que concerne a relação socioeconômica da Guiné Bissau e a economia de subsistência das vendedoras que ofertam seus alimentos gastronômicos nas barracas.
- Fazer um estudo comparado entre o carnaval da guine Bissau e carnaval do Brasil em relação à divisão sócio espacial de lugar nas comemorações.
- Investigar quem são essas mulheres que investem e comercializam nas barracas e de qual classe social elas pertencem.
- Examinar quais os efeitos práticos que essa atividade traz para na economia dessas famílias.

5 HIPÓTESE

Sustento a hipótese de que o carnaval é tempo de festa, mas também de trabalho na sociedade guineense. E que ao longo dos tempos, o carnaval vem se ressignificando ainda mais, reatualizando a história e os costumes, e da tradição local que vinha sendo apagadas durante a colonização se persiste, mesmo diante de dos tempos da globalização.

Um outro ponto importante a ser destacado também é que, durante esse evento (sazonal) observou-se que não existe a separação socioespacial das pessoas durante o carnaval da guine Bissau, quando é comparado ao caso do carnaval em salvador na Bahia ,

onde os manifestantes partem das periferias da grande metrópole e são recrutados para atuar na outra periferia, como cordeiros, arrastando uma corda sem fim. Esses cordeiros recebem diariamente o alimento e alguma quantia simbólica em dinheiro equivalente ao serviço prestado.

6 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Sabe-se que até a independência o carnaval era europeizado, porém ao longo do tempo tornou-se elemento da cultura guineense, assumindo suas características próprias suas especificidades, herdadas da interação dos colonizadores portugueses, com os valores locais, incluídos hábitos de diversos grupos étnicos, desde: conhecimentos, costumes, artes, crenças, casamento, cerimônias fúnebres, circuncisão, cultos religiosos, literatura popular, danças etc.

Em prática o que observa é que todos esses arranjos permitem reconstruir relações simbólicas e de saber popular que durante o carnaval é reverenciado por foliões que adentram nas avenidas a “explodir” em manifestações extraídos de tradição local.

Daí é importante ainda destacar que a irreverência era da própria origem do carnaval, à exemplo do brasil colonial, “[...] os papéis sociais também eram invertidos temporariamente, com os escravos colocando-se nos lugares de seus senhores e estes colocando-se no papel de escravos” (PINTO, 2017, n.p.).

Essas festas eram pagãs e a Igreja, fortalecida, não via-as com bons olhos. Nessa concepção do cristianismo, havia a crítica da inversão das posições sociais, pois, para a Igreja, ao inverter os papéis de cada um na sociedade, invertia-se também a relação entre Deus e o demônio. (PINTO,2017, n.p.).

Se do ponto de vista religioso, o carnaval representa a inversão entre o sagrado e o profano. Do ponto de vista cultural e histórico, o carnaval remonta a antiguidade, cerca de dois mil anos antes do cristo, tem suas origens tanto na Mesopotâmia, quanto na Grécia e em Roma: Conforme Pinto (2017):

A palavra carnaval é originária do latim, *carnis levale*, cujo significado é *retirar a carne*. O significado está relacionado com o jejum que deveria ser realizado durante a quaresma e também com o controle dos prazeres mundanos. Isso demonstra uma tentativa da Igreja Católica de enquadrar uma festa pagã. (PINTO, 2017, n.p.)

Arentes (2013): por sua vez acrescenta que:

Alguns autores dizem que o Carnaval surgiu por volta de 10 mil antes de Cristo, e que se origina no culto agrário, quando homens e mulheres, com o corpo e cara pintados de preto, e cobertos de peles ou de plumas, saíam em cortejos e invadiam as casas gritando para afastar os demônios da má colheita. Outros dizem que a origem do Carnaval foram as “festas da fertilidade” da Idade Média, destinadas a garantir boas colheitas. O mais comum, entre os diferentes autores, é atribuir sua origem às festas pagãs do Egito, Grécia e Roma referentes às mudanças de estação, quando se adoravam os deuses naturais da fecundidade, do crescimento, da colheita e da abundância (ARANTES, 2013, p.7).

Todavia a imprecisão sobre o lugar da origem de carnaval, mas o relato dos autores acima citados se converge sobre os rituais do paganismo que são encenados no carnaval e que desafiavam o sagrado. E o que consiste nessa história é a simbologia da história ocidental na sociedade guineense, por intermédio de carnaval, que por sua vez opera no silenciamento das culturas locais, instaurando-se a monocultura.

Boaventura Santos (2009) descreve isso como epistemicídio, na medida em que:

[...] Assistiu-se, assim, a uma espécie (...) destruição de algumas formas de saber locais, à inferiorização de outros, desperdiçando-se, em nome dos desígnios do colonialismo, a riqueza de perspectivas presente na diversidade cultural e nas multifacetadas visões do mundo por elas protagonizadas. (SANTOS; MENEZES, 2009, p.183)

O termo normalmente usado por Boaventura Santos (2009), é pertinente para descrever o designio do colonialismo na criação de visão de mundo, invisibilizando os hábitos e costumes endógenas guineense, concomitantemente promovendo as “etiquetas” portuguesas, fazendo com que a música portuguesa, sua arte, sua gastronomia como sendo as de maior prestígio em relação ao dos nativos.

Uma descaracterização sociocultural que jamais foi absorvida totalmente de forma passiva pela sociedade guineense, que logo após a independência, com a efervescência dos movimentos de libertação nacionais, em especial o pan-africanismo e o negritude começou-se a debater de forma mais contundente os mecanismos que visam potencializar a voz do continente, dentre quais: a luta contra o racismo, no sentido de melhorar a imagem do continente.

Com efeito, surtiu-se que nas últimas décadas, a população viu sua tradição sendo revivido nos tempos de festas populares, e seus membros relutam para nutrir seu robusto mosaico étnico, constituído essencialmente pela oralidade. O que na prática é uma forma de registrar o saber transmitido de geração a geração, como lembra Hampaté Bá (2010), os tradicionalistas (conhecedor de história), são o patrimônio vivo, ao afirmar que “na África, cada ancião que morre é uma biblioteca que se queima”. O autor insinua que a vivência

permite que o ancião acumule mais experiência e maior conhecimento que conseqüente será transmitido de geração a geração. Numa sociedade como a guineense, muitos elementos da história, da religião, do trabalho, da arte estão no saber oral e reproduzidos pelos contadores de histórias (*griots*). Essa analogia entre ancião e biblioteca é porque, assim como uma biblioteca, quando queimada, histórias e memórias importantes são apagadas. Por isso a necessidade de reescrever essa história passa necessariamente pela oralidade expressada em carnaval e nas outras festas populares. É neste sentido que o carnaval cumpre a função de reviver as memórias sem passar necessariamente pela escrita. Ainda que manter a tradição oral possibilita estimular os pesquisadores a necessidade de reescrever a história da África. Como afirma Joseph Ki-zerbo:

A História da África deve ser reescrita. E isso porque, até o presente momento, ela foi mascarada, camuflada, desfigurada, mutilada pela “força das circunstâncias”, ou seja, pela ignorância e pelo interesse. Abatido por vários séculos de opressão, esse continente presenciou gerações de viajantes, de traficantes de escravos, de exploradores, de missionários, de procônsules, de sábios de todo tipo, que acabaram por fixar sua imagem no cenário da miséria, da barbárie, da irresponsabilidade e do caos. Essa imagem foi projetada e extrapolada ao infinito ao longo do tempo, passando a justificar tanto o presente quanto o futuro. (2010, p. 32).

Joseph Ki Zerbo (2010), invoca sobre a necessidade de recuperar a história Africana definhada pelos exploradores e missionários que introduziram o cristianismo como seu *modus operandi* para instaurar a cultura ocidental nas antigas colônias, a exemplo da Guiné Bissau. Pois o interessante nesse contexto é a maneira como na sociedade guineense responde a essa “colonialidade”, criando a etnização de carnaval, como instrumento necessário para a desconstrução de saber hegemônico.

De acordo com Joseph Ki-zerbo (2010, p.31), “A África tem História, uma história que vinha sendo silenciamento da história, cuja a introdução da escrita e outros meios de transmissão de conhecimento faz com que muitos costumes locais fossem deixados para o segundo plano. Estando, portanto, fora do espaço de produção de conhecimento.

Segundo Hampaté Bâ (2010), em muitas sociedades africanas, por exemplo, os *griots* ou tradicionalistas, foram perseguidos pelo poder colonial que para explorar suas antigas colônias no continente Africano essencialmente, se viu obrigado a impor sua própria identidade e ideologia, invisibilizando as tradições locais (visão de mundo), desde língua, arte

à religião, sustentando os interesses da província ultramarina portuguesa². Assim, Bourdieu (1989), define o poder Simbólico:

Poder de constituir o dado pela enunciação, de fazer ver e fazer crer, de confirmar ou transformar a visão do mundo, e deste modo, a ação sobre o mundo, portanto o mundo; poder quase mágico que permite obter o equivalente daquilo que é obtido pela força (física ou econômica), graças ao efeito específico de mobilização, só se exerce se for reconhecido, quer dizer, ignorado como arbitrário. Isso significa que o poder não reside nos sistemas simbólicos em forma de uma ‘illocutionary force’, mas que se define numa relação determinada — e por meio desta — entre os que exercem o poder e os que lhes estão sujeitos, quer dizer, isto é, na própria estrutura do campo em que se produz e reproduz a crença. [...] o poder simbólico, poder subordinado, é uma forma transformada, quer dizer irreconhecível, transfigurada e legitimada das outras formas de poder (BOURDIEU, 1989, p.145).

A conceito do poder simbólico, cunhado por Bourdieu (1989), serve como reflexo do colonialismo em todos os segmentos da sociedade que conformava com a visão de mundo imposta pelo colonizador, com se tratasse de um poder quase mágico e legítimo numa sociedade guineense estruturada e etnicamente plural.

Nesse contexto, observando o colonialismo e suas consequências, em tese, a etnização do carnaval pode ser tomado como um mecanismo pedagógico na luta simbólica para suprimir as imposições culturais. Pois em muitas sociedades africanas, como a guineense, as histórias orais contadas nos desfiles das escolas de carnaval, cumprem a função de manter vivo e contínuo toda uma memória da tradição, fazendo com que esse resgate mutuamente ligado a transmissão mantenha costumes, histórias, hábitos, rituais entre outros saberes deixados pelos antepassados possam reforçar o coletivo. Cada cultura é a sua particularidade de transmitir o saber, como afirma o griot maliense Terno Bokar apud (BÁ, 2010, p.1)

A escrita é uma coisa, e o saber, outra. A escrita é a fotografia do saber, mas não o saber em si. O saber é uma luz que existe no homem. A herança de tudo aquilo que nossos ancestrais vieram a conhecer e que se encontra latente em tudo o que nos transmitiram, assim como o baobá já existe em potencial em sua semente. (Tierno Bokar - griot maliense).

Neste sentido, a tradição oral tem o compromisso com a verdade, e fidedignidade para a manutenção da história. Por isso, quem as conta precisa estar comprometido com a verdade. Trata-se de uma ciência da vida cujos conhecimentos sempre podem favorecer uma utilização prática, e para conhecer esses saberes deverá obrigatoriamente o pesquisador tanto

² Província ultramarina é uma divisão administrativa criada pelo estado Novo Português e atribuído por este às colônias portuguesas, nomeadamente Angola, Guiné-Bissau, Moçambique, São Tomé e Príncipe, Cabo Verde, Macau, Estado da Índia e Timor.

africano quanto europeu vivenciar as regras locais, “[...] o que pressupõe, no mínimo um conhecimento da língua. Pois existem coisas que não “se explicam”, mas se experimentam e se vivem (BÁ, 2010, p.183).

Daí a necessidade de explorar outra tradição viva, que está no campo da economia informal, que Vaz (2013); (2019), descreve como informalidade tradicional, sendo aquela modalidade que tem mais uma relação direta com ocupação geracional herdada de avô-pai-neto e que não tem uma relação direta com a exclusão no mercado de trabalho e nem do ajustamento estrutural, mas oriundas daquelas atividades antigas, à exemplo do comerciante ou do ferreiro, que persiste trabalhando na mesma modalidade outrora exercida pelos avós.

Nesse contexto, a especificidade de carnaval guineense também se explica não só pela sua multiculturalidade de hábitos e de tradições locais que potencializam o turismo urbano, mas pela maneira como sido um cenário de negócios e oportunidade, para a economia do país, e também a oportunidade de empregos temporários para muitas famílias que não se encontravam ativamente no mercado, e que por intermédio de carnaval essas pessoas começam atuam nas barraquinhas de cerveja, pontos gastronômicos, tratamento estético etc. Essas práticas realizadas em pequenas economias em tempos de carnaval reforçam convergência entre o carnaval da guine Bissau e o do Brasil, como forma de as famílias se sobreviverem nos subterrâneos da economia urbana, que precisam ser exploradas e potencializadas, afirmam Liola e Miguel (s/d):

A emergência de uma nova maneira de ver o setor informal implica um outro tratamento da questão pelos poderes públicos. É preciso enxergar esse *locus* de ocupação, com um olhar menos preconceituoso, sobretudo devido à crise de desemprego ora vivenciada. Existem inúmeras oportunidades de emprego dentro da economia informal, que precisam ser exploradas e potencializadas. As transformações apresentadas por essas atividades, assim como a sua significação para a economia do Carnaval, por si só, justificam a inversão da lógica aqui proposta. (LOIOLA; MIGUEZ, s/d. p.2).

A questão de desemprego trazido pelos autores Liola e Miguel (s/d), tem sido um ponto nevrálgico na sociedade guineense e as pessoas de diversas camadas da sociedade têm a consciência da proeminência da economia informal na sociedade e seus estados nações cumprem a função de mais tolerantes à informalidade.

No que toca a economia, Fisher (apud SILVA, 2002, p.18), define o carnaval como “uma feira de negócios e de oportunidades”, e que movimenta milhões de reais a cada ano, gerando emprego e captando recursos, de modo pelo qual se configura como um elemento positivo na sociedade brasileira por ser um negócio extremamente rentável. No contexto

guineense, é notório que nos dias desse evento, a cidade testemunha aquilo que Hita et al (2017) chama de *disputas em torno dos espaços urbanos*, protagonizados por jovens comerciantes espremidos num micro espaço, atingidos pelo desemprego aproveitam esses dias de festas como oportunidade de trabalho, ofertando seus produtos no mercado informal no segmento da gastronomia etc. o que afirma a tese de Abranches (2014) de que o carnaval não é somente o tempo de festa, mas também é tempo de trabalho, ao trazer a maneira como essa festa popular brasileira se constitui na cidade de salvador, marcado pelo *show business*, expondo a divisão socioespacial de lugar entre ser e ter, ou seja: entre ser negro e estar nas periferias do consumo. Como aponta Abranches (2014).

Na Bahia, todo mundo ganha dinheiro com o carnaval, uns ganham muito, outros muitos ganham pouco. Os cordeiros estão nesses muitos outros, estão na periferia do carnaval elétrico. Puxando a corda traiçoeira. Corda de açoite. Os cordeiros do fundo têm de fazer muita força pra segurar o repuxo da corda, se vacilar cai, os outros passam por cima. Dos lados da corda não tem repuxo, mas tem a multidão disputando pouco espaço para tanta gente. Disputa ombro a ombro. Tem gente sem abadá querendo entrar no Bloco. No Bloco só pode entrar quem estiver de abadá, se estiver com a farda certa. Cordeiro é segurança e porteiro, (ABRANTES, 2014, p.86)

Essa forma de exploração da força do trabalho e da divisão social de espaço vivenciado no carnaval de salvador se configura também em estratificação de classes na urbe soteropolitana entre ser e ter, ou seja, entre ser negro e a classe social inferior e ser branco e pertencer da classe alta. Em salvador, os manifestantes partem das periferias da grande metrópole são recrutados para atuarem na outra periferia (nos circuitos do carnaval), como cordeiros, arrastando uma corda sem fim no entorno dos carros alegóricos. Esses cordeiros recebem diariamente o alimento e alguma quantia simbólica em dinheiro equivalente ao serviço prestado dentro de uma estrutura marcada por *Show Business* que por sua vez também desvela o racismo a Brasileira definida pelo perfil de grupos e estratificação socioespacial de empreendedores e de consumidores específicos. Uma realidade diversa daquilo que é observada no carnaval guineense, onde os grupos compartilham o mesmo espaço de forma aleatória. Pois o que se observa nesses dois países é que os mesmos se comum em comércios informais nos centros urbanos.

7 METODOLOGIA

Os procedimentos metodológicos se constituem a parte indispensável para execução deste projeto e, conseqüentemente no alcance dos objetivos traçados. Pretendo articular três linhas de reflexão: uma sobre os elementos folclóricos, econômicos e outra sobre a etnografia. O propósito é explorar as possibilidades que esta última, como método de trabalho característico da antropologia abre para a compreensão dos fenômenos étnicos, mais especificamente para a pesquisa da dinâmica cultural. Ao fazer isso estarei assumindo o interesse de atuar em contraste com aquelas abordagens de enfoque mais correntes sobre a questão exclusivamente baseada em questionário com resultados superficiais do sujeito e do objeto. Um olhar distanciado que Magnane (2002. p.11), classifica como um olhar *de fora e de longe*. Por isso nesta pesquisa pretendo, pretendo não só utilizar o olhar distanciado (de fora e de longe), mas também o de explorar outro procedimento de cunho etnográfico, a que esse mesmo autor (idem) denomina de olhar *de perto e de dentro*. Familiarizando ainda mais com esse universo para interpretar os códigos internos de culturas endógenas.

Pretendemos fazer uma pesquisa etnográfica de caráter qualitativa e exploratória que irá se centrar nos pontos nodais de desfiles e de aglomerações de foliões (sujeitos) que serão abordadas individualmente de forma aleatória e espontaneamente através de questionários aplicados durante os dias de carnaval na cidade de Bissau. Ademais, durante essa pesquisa de campo buscaremos fazer uma observação participante (*in loco*). E pelo fato de eu ter vivenciado essa experiência do carnaval como folião, isso poderá reforçar “minha relação direta e o meu engajamento enquanto pesquisador inteirado com campo numa relação de perto e de dentro. Uma relação de proximidade com o objeto de estudo”. (MAGNANI, 2002 apud VAZ, 2018, p.40). O que certamente me permitirá responder algumas questões centrais.

A implementação deste tema interessar-se- a fazer uma abordagem metodológico que vai se centralizar na economia e na cultura do povo guineense trazendo também uma abordagem como uma festa pagã se transformou numa festa de oportunidade de negócio, as famílias com propósitos diferentes, principalmente as mulheres e jovens se lançam a essa modalidade de trabalho como estratégias de subsistência. Uma visão muito recente que também é necessário para entender como o carnaval é transformado num espetáculo de show de negócio, entender como se deu esse processo que é visto como uma feira de oportunidade de modo que aplicou novos elementos organizacionais.

Em seguida analisando quais são os aspectos negativos e positivos que se acrescentam em termos da organização, pois essa organização cultural na Guiné atingiu um nível muito elevado, é uma das festas que mais representa o país no sentido de preservar e salvaguardar sua história, cultura com base na obtenção de muitas riquezas.

8 EXCERTOS DE CAMPO E A DIVISÃO SÓCIO SEXUAL DE TRABALHO

O meu excerto de campo me permitiu apontar que o cotidiano dessas mulheres é permeado de inúmeros desafios e superações que envolvem a divisão sócio sexual do trabalho, dentre quais o de cuidar dos filhos e manter a rotina de trabalho durante o carnaval. Pois em tese, são esses pequenos comércios que lhes permitem a insubordinação do gênero feminino numa sociedade cujo maior número de desempregados as mulheres.

Segundo uma das *mindjeris bideras* (mulheres vendedoras)³ é que a maioria delas trabalham nas barracas durante dias de carnaval, mas após o carnaval retomam normalmente suas atividades. Segundo o relato, o que as levam a exercer essas atividades são por vários motivos particulares, principalmente para complementarem a renda e o desemprego.

Portanto segundo uma delas a festa de carnaval é um momento propício para produção dos seus rendimentos, nesse momento a cidade se encontra lotada das pessoas nacionais e internacionais só para desfrutar os momentos da festa mais popular da Guiné Bissau, por isso essas mulheres aproveitam esse momento para vender seus produtos, comidas bebidas e muito mais. Em seguida as dificuldades que elas enfrentam são enormes, então elas levantam muito cedo a caminho dos portos para comprar peixes e outros produtos que vão ser preparadas e oferecidas em barracas. Sendo que o itinerário entre o trajeto diário de casa para barraca de venda, elas frequentam áreas de acentuado risco de *violências*, por serem becos com escassos seguranças públicas, tornando-lhes ainda mais vulneráveis de serem abordadas por assaltantes.

Um fator muito importante a ser destacado é mesmo diante de inúmeras tarefas monótonas e estressantes, ainda contribuem para a manutenção do espaço e do saneamento básico do espaço, higienizando o espaço-barracas onde os produtos serão ofertados, devido a incapacidade de o câmara municipal, que deveria cumprir a função de manter as infra estruturas, torna-se o conivente com a precariedade, e as obrigam a contribuir com os tributos.

³ Uma palavra utilizada na língua crioulo da Guiné Bissau, usada para denominar as mulheres envolvidas no comércio informal.

REFERÊNCIAS

- _____. Circuito de mercadorias e identidades Africanas em Movimento: Reprodução social das Mulheres Angolanas e Guineenses no Comércio Retalhista África-Brasil- China e Sudeste Asiático. Cadernos de África Contemporânea. Vol.1, Nº. 2, Ano 2018, p.106-133.
- ABRANTES, Aroldo. **Cordeiros da Bahia, festa e trabalho nas cordas do carnaval.** Cadernos de Arte e Antropologia, Vol. 3, nº 2/2014, pág. 85-89
- AUGEL, M. P. **O desafio do Escombro: nação, identidades e pós-colonialismo na literatura da Guiné-Bissau.** Rio de Janeiro: Garamond, 2007.
- BÂ, Amadou Hampâté. **A tradição viva.** I. In: Ki-Zerbo, Joseph (Org): **História Geral da África, I: Metodologia e pré-história da África.** 2.ed. rev. – Brasília : UNESCO, 2010
- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida.** Rio de Janeiro, 2007.
- BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico.** Rio de Janeiro: Editora Bertrand, 1989.
- DURKHEIM, Émile. **As Regras do Método Sociológico,** São Paulo, Martins Fontes, 2007
- GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas.** Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- GLEDHILL, John, HITA, Maria Gabriela & PERELMAN P, Mariano (Org.) **Disputas em torno do espaço urbano: processos de produção/construção e apropriação da cidade.** Salvador, Bahia: Edufba.2017.
- KI-ZERBO, Joseph. **História geral da África, I: Metodologia e Pré-história da África/** editado por Joseph. Ki -Zerbo. 2ª ed. rev. Brasília: UNESCO, 2010.
- LIOLA, Elizabeth; MIGUEZ, Paulo. **A Economia do Carnaval de Bahia da Bahia.** Bahia Anal Dados, Salvador, V.21, n.2,p.282-289, Abr/Jun . 2011.
- MAGNANI, José G. C. 2002. **De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana.** Revista Brasileira de Ciências Sociais, nº 49, vol. 17: 11-29, disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbcsoc/v17n49/a02v1749.pdf> acesso: 04 de Março de 2019.
- OLIVEIRA, M. F. S.; OLIVEIRA, O. J. R. **Carnaval, turismo e trabalho informal na Bahia: tanto negócio, tanto negociante.** Caderno Virtual de Turismo, Rio de Janeiro, v.5, n.4, p.15-25, 2005.
- PINTO, Tales dos Santos. **"História do carnaval e suas origens"**; Brasil Escola. Disponível em: Acesso em 20 de março de 2017.
- SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula (Orgs.) (2009). **Epistemologias do Sul.** Coimbra: Almedina, 532 pp.
- SILVA, Lisédino Fagundes Da. **Consequências Socioeconômicas da Transformação do Carnaval de Salvador em Negócios.** Salvador, UFBA. 2002.

VAZ, Paulo Gomes. **As “sacoleiras” a serviço do capital: um estudo sobre as africanas nos circuitos globais de mercadorias.** Tese (doutorado) - Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Salvador, 2018.